

## MEDIAÇÃO FAMILIAR NO LETRAMENTO DIGITAL DE CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Thais Gomes Ferreira; Carolina Morales M. Rittl; Rosália Maria Duarte; Zena Eisenberg

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), [posedu@puc-rio.br](mailto:posedu@puc-rio.br)*

**Resumo:** O acesso das crianças às mídias começa cada vez mais cedo, pois elas estão inseridas no meio social e acabam se apropriando dos dispositivos digitais utilizados pela família. É importante, então, saber como e para que as crianças estão utilizando esses dispositivos e de que maneira a família media tal uso. Tendo esse contexto como pano de fundo, desenvolveu-se o estudo exploratório intitulado: “*Crianças de 0 a 5 anos e tecnologias touch screen*”, junto a 24 famílias com crianças com idades entre 0 e 5 anos, buscando dados sobre os modos de uso dessas tecnologias pelas crianças e os tipos de mediação constituídos no ambiente familiar. O estudo foi realizado pelo Grupo de Pesquisa Educação e Mídia, em parceria com o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação, ambos ligados à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: 1) questionário aplicado aos pais; 2) observações videogravadas de crianças utilizando dispositivos com telas *touch*; 4) registros de conversas informais com mães das crianças observadas. Os resultados indicaram que a mediação familiar do uso de mídias é uma prática comum. A ajuda dos familiares vem em forma de instruções orais, resolução de problemas tecnológicos e no manuseio do aparelho junto com a criança. Nas conversas informais com duas mães, estas informaram a adoção de estratégias planejadas de mediação, tais como o uso de bloqueadores de conteúdo, o uso conjunto e o ensino da verificação da classificação indicativa dos jogos e vídeos. As observações indicaram que a mediação feita pelos irmãos mais velhos é ativa, do tipo “fazer junto”.

**Palavras-chave:** crianças, mídias digitais, mediação familiar, letramento digital.

## Introdução

O acesso das crianças às mídias começa cada vez mais cedo, pois elas estão inseridas no meio social e acabam se apropriando dos dispositivos digitais utilizados pela a família. O acesso à TV e o uso de dispositivos eletrônicos por crianças com menos de 5 anos já é bastante significativo no Brasil. De acordo com a Organização não Governamental Criança e Consumo<sup>1</sup>, o tempo médio por dia que **crianças e adolescentes** passam em frente à **televisão** teve um aumento, entre 2004 e 2014, de 52 minutos. Em 2014, “o tempo médio de consumo de televisão por crianças foi de 5h35, segundo levantamento do Ibope em 15 regiões metropolitanas do Brasil.”

A pesquisa Papagaio/Pipa<sup>2</sup>, da Multifocus Inteligência de Mercado, realizada em 2014, em 580 lares de 12 capitais brasileiras, junto a 1.800 crianças e jovens das classes A, B, C, D, E, com idades entre 0 e 17 anos, buscou identificar hábitos e expectativas desses brasileiros e seu consumo e uso de mídias. Os resultados indicam que 93% das crianças com menos de 3 anos assistem à TV, em média 3,2 horas por dia; entre as crianças de 4 e 6 anos, a média diária de consumo de TV sobe para 4,2 horas; 70% das crianças dessa faixa etária têm a mãe como companheira na hora de assistir à TV e 29% assistem sozinhas<sup>3</sup>. O estudo também indicou que 33% das crianças com idades entre 4 e 6 anos têm grande ascendência na decisão sobre o que será assistido na TV pela família e 18% são ouvidas pelos pais na hora de assinar um pacote de TV paga.

O levantamento mostra, ainda, que 50% das crianças de 4 a 6 anos acessam internet; entre os que têm menos de 4 anos, 42% brincam com jogos no celular, 19% navegam na internet com os pais, 67% utilizam o smartphone, 48% mexem no computador e 10% no tablete.

Uma pesquisa realizada em 2013, pela ONG *Common Sense Media*<sup>4</sup>, com 1.463 pais, indica que o acesso de crianças de 0 a 8 anos à tecnologia móvel nos Estados Unidos cresce substancialmente a cada ano. Enquanto em 2011, apenas 8% das crianças dessa faixa etária tinham tabletes e 41% possuíam *smartphones*, em 2013 os percentuais passaram para 40% e 63%, respectivamente. De acordo com o estudo, em 2011, 62% das crianças de 0 a 8 anos nunca tinham usado aparatos tecnológicos móveis; dois anos depois, esse grupo representava apenas 28% do total.

---

<sup>1</sup> Site oficial: <<http://www.criancaconsumo.org.br>>. Publicado em: 19 jun. 2015. Acesso em: 22 mar. 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.multifocus.com.br/papagaiopipaquadradocafifa.php>>. Acesso em: 25 set. 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.abert.org.br/web/index.php/clippingmenu/item/23319-criancas-pequenas-madam-na-tv-de-casa-diz-pesquisa>>. Publicado em: 14 set. 2014. Acesso em: 3 mar. 2016.

<sup>4</sup> O relatório completo está disponível em: <<https://www.common sense media.org/research/zero-to-eight-childrens-media-use-in-america-2013>>. Acessado em: 25 nov. 2016.

O relatório detalha os usos de mídia que crianças com menos de dois anos fazem: diariamente, 31% delas assistem à televisão, 11% consomem conteúdos de DVDs, 6% têm acesso à tecnologia móvel, 3% possuem contato com *e-books*, 1% usam computadores, e 1% jogam vídeo game de console.

A constatação de que as crianças estão tendo acesso, cada vez mais cedo, a dispositivos eletrônicos levanta uma série de questionamentos acerca do impacto do uso intenso desses equipamentos no desenvolvimento delas e nas relações entre elas e os adultos no âmbito familiar. Estudos sobre o tema vêm sendo desenvolvidos em diferentes países, por pesquisadores de várias áreas de conhecimento (LIVINGSTONE et al., 2015; GALERA; MATSUMOTO; POVEDA, 2016; NEVSKI; SIIBAK, 2016). A partir de resultados de um estudo qualitativo exploratório, realizado com 9 famílias, com crianças entre 3 e 7 anos de idades, em Madri (Espanha), Galera, Matsumoto e Poveda (2016) argumentam que, nesse novo contexto de interação com dispositivos digitais, o fato de os diferentes membros da família estarem lidando com uma cultura nova para todos leva a práticas de aprendizagem que não se estruturam necessariamente em torno de idades e de papéis familiares tradicionalmente constituídos. Assim, as crianças podem precisar menos dos adultos ou de irmãos mais velhos para aprender a utilizar dispositivos digitais do que precisam para aprender outras práticas culturais e isso provavelmente impacta as relações familiares.

Nosso interesse por esse tema nos levou ao desenvolvimento de um estudo exploratório sobre os usos que crianças com idades entre 0 e 5 anos fazem dos dispositivos eletrônicos com telas sensíveis ao toque, colocados à disposição delas, sobre os tipos de aplicativos instalados com maior recorrência nesses dispositivos e sobre a atuação dos familiares como mediadores das relações das crianças com esses aplicativos.

O estudo foi realizado pelo Grupo de Pesquisa Educação e Mídia, em parceria com o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação<sup>5</sup>, junto a 21 famílias, buscando dados sobre os modos de uso dessas tecnologias pelas crianças e os tipos de mediação constituídos no ambiente familiar.

Os estudos mencionados anteriormente indicam que a família desempenha um papel importante na inserção das crianças pequenas na cultura digital, pois são os pais e irmãos mais velhos que, em geral, apresentam às crianças pequenas os dispositivos eletrônicos e que, inicialmente, selecionam e instalam os aplicativos e recursos que serão utilizados por elas. Os pesquisadores observam que muitas vezes os pais não dispõem de muitas informações a respeito

---

<sup>5</sup> Os dois grupos de pesquisa são vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

dos riscos e benefícios relacionados ao uso dos meios tecnológicos pelas crianças, no que diz respeito, por exemplo, às possíveis influências do conteúdo a que elas têm acesso.

Livingstone et al (2015, p. 7) definem mediação parental como:

[...] práticas diversas através das quais os pais buscam gerenciar e regular as experiências de suas crianças com mídia. Essas práticas são consideradas importantes pelas famílias e, conseqüentemente, pelos formuladores de políticas, pois são um meio fundamental para garantir que o ambiente doméstico seja adaptado às necessidades e competências específicas de cada criança, bem como aos valores e prioridades dos pais. (Tradução livre).

Para as autoras, essa mediação pode assumir diferentes formas, dependendo do modo como os pais ou familiares atuam frente ao uso de mídias pelas crianças. Elas definem como mediação ativa para uso da internet, o diálogo familiar sobre o conteúdo acessado e sobre as atividades que as crianças realizam *on-line*, assim como as práticas de navegação conjunta dos adultos ou irmãos mais velhos, com as crianças pequenas; mediação ativa para o uso seguro da internet, diz respeito a atividades e recomendações voltadas para a segurança da navegação das crianças na rede; regras de controle do tempo e do local de uso, assim como delimitação de conteúdos que podem ou não ser acessados, são categorizadas como práticas de mediação restritiva; já o uso, pelos pais, de ferramentas tecnológicas para filtrar ou impedir o acesso a determinados ambientes digitais é categorizado como restrição tecnológica (LIVINGSTONE, 2015). Essas diferentes formas de mediação contribuem para o letramento digital da criança, ajudando a protegê-la de riscos (tais como compartilhar informações pessoais, contato com adultos mal-intencionados, contaminação dos equipamentos por agentes invasores, etc.) e auxiliando-a a vivenciar as oportunidades que o mundo digital lhe oferece. Para Fujioka e Austin (2002), a mediação ajuda a criança a: 1) compreender os modos como os aplicativos representam o mundo real (categorização); 2) decidir se concorda ou não com os conteúdos a que tem acesso através das mídias (validação); 3) obter informações adicionais que indiquem o potencial dos recursos disponíveis nos equipamentos (suplementação).

O estudo que realizamos não tinha, inicialmente, entre seus objetivos analisar as formas de mediação das famílias que participaram da pesquisa, pois nossa intenção original era somente descrever os usos que as crianças faziam dos dispositivos e analisar os movimentos que utilizavam para realizar esses usos. No entanto, chamou nossa atenção o modo como mães, irmãos mais velhos e outros adultos da casa participavam das atividades realizadas pelas crianças durante as sessões de pesquisa. Assim, decidimos descrever essas interações para avaliar o papel desempenhado por cada um desses agentes mediadores nos usos de mídia daquelas crianças.

Sabemos que uma única sessão de pesquisa não nos permite fazer afirmações acerca de como acontece a mediação no cotidiano familiar, mas podemos levantar algumas hipóteses. Esse trabalho tem como objetivo apresentar os usos que os pais fazem dos dispositivos eletrônicos e as descrições das mediações, registradas nas sessões de observação.

## **Metodologia**

O material empírico desse estudo foi produzido a partir de observações de atividades realizadas com as crianças em suas residências. Foram feitas visitas às casas, nas quais foram registrados em vídeo o uso que a criança fazia do equipamento disponível em sua casa e, em seguida, o uso que ela fazia de um tablete oferecido pelas pesquisadoras, com aplicativos de jogos, no qual ela escolhia um dos jogos para mostrar como o utilizava. Além disso, foi aplicado junto aos pais e/ou responsáveis um questionário sobre o tempo e a frequência de uso das crianças e a respeito da disponibilidade de equipamentos nas residências visitadas.

Este trabalho teve como base os seguintes instrumentos de pesquisa: 1) dados do questionário aplicado aos pais, no que diz respeito ao uso que eles fazem dos dispositivos eletrônicos; 2) as videograções, a partir das quais foram descritos e analisados os modos de interação dos pais e/ou adultos da família e dos irmãos mais velhos com as crianças, enquanto estas participavam da atividade proposta pelos pesquisadores; 3) conversas informais, realizadas posteriormente com mães que haviam participado das visitas videogravadas, acerca de como elas acompanham o uso que suas crianças fazem dos dispositivos disponíveis em casa. Nessas conversas, foi perguntado a elas: quando as crianças começam a usar os equipamentos eletrônicos; se esse uso foi motivado por solicitação das crianças e/ou por iniciativa da família; que equipamentos as crianças mais usam; quem acompanha o contato da criança com o equipamento; e como é feito esse acompanhamento.

Os dados do questionário foram inseridos em planilha do programa Excel para extração de frequências simples. As análises das mediações ocorridas nas sessões de pesquisa foram elaboradas a partir da descrição das videograções e da construção de um quadro-síntese dessas descrições, que indica recorrências e discrepâncias identificadas na interação de membros da família com a criança que foi observada no contexto de pesquisa.

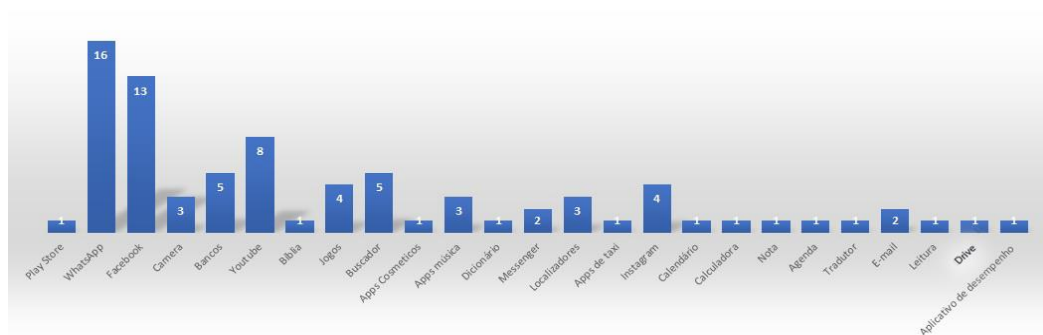
## **Análise dos dados**

Foram observadas 23 crianças, em situação de uso de equipamentos de comunicação e informação digitais, com tela sensível ao toque; 17 crianças pertencem a famílias de camadas

sociais populares e 6 a famílias de camadas médias. Como a renda familiar não foi informada no questionário, o método utilizado para caracterização das famílias foi a associação da atividade profissional com a escolaridade. As famílias consideradas de camadas populares foram aquelas nas quais pelo menos um membro da família tem ensino médio incompleto ou completo e/ou ensino superior incompleto. Foram consideradas como sendo de camadas médias as famílias cujos pais ou responsáveis tinham ensino superior completo e/ou pós-graduação.

### Usos de aplicativos pelos pais

Os estudos de Livingstone et al (2015) indicam que a *expertise* e a experiência dos pais no uso de mídias interferem na qualidade da mediação exercida por eles junto às crianças. Pais com maior familiaridade com diferentes dispositivos e aplicativos sentem-se mais seguros para permitir a exploração, pelas crianças, dos ambientes e possibilidades disponíveis nos dispositivos eletrônicos, enquanto pais com menor familiaridade tendem a exercer uma mediação mais restritiva. O questionário aplicado aos pais solicitava que indicassem seus usos regulares de mídias. O Gráfico 1 mostra os tipos de aplicativos utilizados pelos pais ou responsáveis:



**Gráfico 1** – Usos de aplicativos pelos pais

Fonte: Pesquisa “Crianças e tecnologias digitais *touch screen*” (2016).

No que diz respeito ao uso de aplicativos de dispositivos eletrônicos pelos pais, percebe-se semelhanças no uso de aplicativos básicos, como comunicação interpessoal (*WhatsApp e Facebook*), repositórios de vídeos, jogos, redes sociais e buscadores. Em duas famílias de camadas médias, nota-se um uso mais amplo, que inclui, além desses mencionados, aplicativos de taxi, fotografia, armazenamento de dados, calculadora, *e-book*, banco e música. As famílias de camadas populares têm um uso mais restrito: menor quantidade de aplicativos e, a maioria destes, para comunicação interpessoal.

Os aparelhos parecem ser usados pelos pais principalmente para entretenimento, influenciando assim, os filhos, pois eles também usam esses aparelhos majoritariamente para fins de entretenimento. Essa cultura de como são usados os aplicativos e de que eles servem tanto na formação cidadã e/ou no meio de acesso à informação, é estabelecida pelas práticas que ocorrem no meio familiar e no ambiente escolar a partir da mediação. No projeto *Children Go On-line*, foram analisados três casos de crianças de 8 a 18 anos, em diferentes fases de desenvolvimento, em um contexto social e econômico distintos, sendo observado que o capital cultural e social (BOURDIEU, 1984) influenciam mais na interação das crianças com as mídias digitais do que o capital econômico.

Entende-se que a relação com as mídias que acontece nas famílias está mudando com o advento das mídias digitais, uma vez que em relação às mídias mais antigas (livros, rádio e cinema, por exemplo), mesmo quando não havia certa familiaridade dos pais em seu uso, era possível que fossem acessadas por eles, uma vez que a sua interface é de mais fácil acesso do que as computacionais (LIVINGSTONE, 2011).

A escola auxiliou na aprendizagem do uso das mídias antigas, mas, a partir da inserção das mídias digitais como mecanismos de construção de conhecimento e acesso à informação, ela passou a encontrar certa dificuldade, ficando essa responsabilidade principalmente no ambiente familiar.

Assim como nas mídias antigas, saber interagir com a interface não basta para que o seu uso seja feito de modo adequado e que seu aproveitamento seja realizado de maneira significativa. Dessa forma, o obstáculo principal na mediação não é fazer com que a criança aprenda apenas como utilizar a ferramenta, como o manuseio, mas construir um “potencial para a vinculação a conteúdo informativo e educativo, e para participação em atividades *on-line*, redes e comunidades.” (LIVINGSTONE, 2011, p. 12). Essa trajetória, portanto, deve ser mediada tanto pelos pais como pela escola.

Em relação à frequência do uso dos dispositivos eletrônicos pelos pais, não há uma diferença notável. A maioria informa que o uso é diário. O número médio de celulares nas famílias é de 2 celulares; em relação a tabletes é de 0,7. Nem todas as famílias de camadas populares têm tabletes, mas todas as famílias de camadas médias têm, sendo que uma delas informa ter dois tabletes, e outra, três.

Os dados não indicam diferenças significativas entre pais de camadas médias e os de camadas populares. Acreditamos que isso se deve ao fato dessa pergunta no questionário não se referir ao uso de todos os aplicativos presentes no aparelho eletrônico, mas somente aos de uso mais

frequente. Por conta disso, a maior porcentagem de uso foi do aplicativo de comunicação interpessoal *WhatsApp*. Partindo desta hipótese, não temos como afirmar se, nesse contexto, a camada social a que as famílias pertencem interfere no uso dos aplicativos presentes nos aparelhos eletrônicos.

### **Estratégias de mediação de pais, adultos amigos da família e irmãos mais velhos registradas nas sessões de observação**

Para análise das estratégias de mediação elaboramos um quadro descritivo com o resumo das interações observadas nas videograções. Cada uma delas foi descrita tendo como foco situações em que a criança recebeu/pediu algum tipo de ajuda à mãe, algum irmão/irmã e/ou adulto presente no momento. Essas descrições foram feitas através de um quadro que elaboramos das mediações observadas nas videograções. Nesta seção, serão apresentadas uma breve síntese das descrições das situações de mediação e nossas hipóteses acerca do foi descrito.

É importante ressaltar que as mediações analisadas foram registradas em apenas uma visita à casa das famílias, na qual o uso dos aparelhos pelas crianças foi gravado em vídeo, cuja duração é de aproximadamente 30 minutos. Por isso, não podemos afirmar que essas medições acontecem dessa forma no cotidiano familiar. Por exemplo, nas análises que indicam que não houve mediação, não podemos concluir que não há mediação familiar, mas sim que naquele momento, por motivos não relevantes, não houve. Assim como nas situações em que houve as mediações, do tipo resolução de problemas e fazer junto, não se pode concluir que estas ocorrem sempre dessa forma. Portanto, temos apenas hipóteses, a partir das análises das videograções, considerando tal conjuntura.

As observações das crianças de até três anos indicam que há a necessidade de uma constante mediação, uma vez que, por serem muito pequenas não conseguem manipular sozinhas os aparelhos. Entre as menores, como Isabelly de um ano e Marina de sete meses, o uso só ocorre por intermédio da mediação. A videogração mostra Isabelly sentada no colo da pesquisadora, que segura o celular para que ela possa ver a tela e tocá-la, mesmo que não se concentre no uso do aparelho. A mãe de Marina tenta chamar sua atenção para que jogue no tablete, entretanto, a menina é muito pequena para entender do que se trata e fica batendo na tela com a palma da mão. Estas situações evidenciam que a criança dessa idade necessita de mediação ininterrupta.

Essas duas crianças parecem ter sido incitadas ao uso dos equipamentos eletrônicos, pois, nos dois casos, as meninas não se mostraram nem um pouco interessadas neles: bateram com as palmas das mãos na tela, levaram o aparelho à boca, choraram e voltaram a atenção para outras



coisas que não o tablete. Acreditamos que isso ocorre porque a família pretende iniciar a interação da criança com os dispositivos o mais cedo possível, para que possam entretê-las em situações do cotidiano em que os pais estão ocupados fazendo outras coisas.

A análise das observações sugere que a interação com dispositivos de mídia frequentemente se inicia com a visualização de vídeos. Isto por que, após os adultos acomodarem o vídeo na tela, as crianças podem assisti-lo sem mais problemas de uso. Em nossos registros, todas as crianças de 0 a 2 anos receberam mediação familiar (menos Isabelly, que está no colo da pesquisadora e a mediação é feita por ela). Pode-se concluir que a mediação nessa idade é fundamental para que ocorra a interação da criança com os dispositivos.

Os que são um pouco mais velhos, com idades superiores a um ano, como Lara, João Pedro e Yohanna, assistem a vídeos no YouTube, que foram colocados para visualização com a mediação de um adulto. Os registros indicam, ainda, que das nove crianças mais velhas (4 a 6 anos), cinco não receberam mediação familiar na situação de pesquisa. Isso nos leva a supor que, quanto mais velha a criança fica, e assim mais experiente no contato e manipulação com os equipamentos, menos mediação ela recebe.

A análise dos registros das situações em que as mediações são feitas pelos irmãos das crianças observadas (três), indica que essa mediação foi, em todos os casos, do tipo “fazer junto”, ou seja, uma mediação ativa. Na maior parte das situações os irmãos auxiliam a criança na realização da tarefa, dando orientações quanto aos movimentos a serem executados e interagindo ao lado dela com o aparelho, como na descrição reproduzida a seguir:

David mexe na tela enquanto seu irmão mais velho fica ao seu lado lhe dando comandos, como: “Aí não”, “Faz para lá”, “Você sabe que não pode”. Os dois ficam juntos brincando com os jogos e conversando. O irmão faz alguns comandos na tela com a própria mão e pega o dedinho do irmão, mostrando a ele como deve ser feito. (Dados da pesquisa).

Para compreendermos melhor as formas de mediação vivenciadas pelas famílias, realizamos conversas informais com duas mães de crianças que participaram da pesquisa, sendo uma delas de camadas sociais populares e a outra de camadas médias, que falaram a respeito da inserção do aparelho eletrônico na vida de suas crianças. No primeiro caso, a mãe informou que a criança havia recebido o aparelho eletrônico ainda bebê, para interagir com vídeos da Galinha Pintadinha. A inserção do aparelho eletrônico foi uma escolha dos pais, e não algo solicitado pela a criança. A mãe afirma que ambos os pais acompanham o uso dos aplicativos pela criança.

Na família de camadas médias, o aparelho eletrônico foi entregue à criança aos nove meses, segundo a mãe, com o intuito de distrair a criança com vídeos interativos, em locais públicos. A criança passou a ter seu próprio tablete aos dois anos de idade, que tinha instalados aplicativos de vídeo (*YouTube*) e jogos selecionados pelos pais. Eles relataram que tinham uma preocupação em monitorar a utilização do equipamento, não deixando a criança permanecer por muito tempo, restringindo seu uso. Atualmente, aos 6 anos de idade, os pais afirmam que a criança manipula muito bem o aparelho e é capaz de descobrir funções no celular que eles próprios desconheciam. No decorrer dos anos, a criança vem conquistando a confiança dos seus responsáveis e começa a ganhar mais autonomia em usar alguns aplicativos sozinha, tais como: *YouTube* (para ver desenhos e clipes de algumas músicas), *Tom Pow*, *Netflix* e *Era uma vez Barbie*.

A partir destas entrevistas destacamos pontos em comum e diferenças entre as duas famílias. Em ambas notamos a inserção do aparelho eletrônico muito cedo, começando com vídeos interativos. Nenhuma das famílias apresentou o aparelho eletrônico para a criança por uma demanda dela, mas sim por uma escolha própria dos responsáveis. Supõe-se que isso ocorra porque os pais estão inseridos cada vez mais no meio tecnológico, então esse acesso acontece “quase naturalmente”, e como as crianças ainda não têm um pleno domínio no manuseio do aparelho, os vídeos parecem ser a forma mais fácil de promover as primeiras interações delas com as mídias. Na família de camadas populares não foi informada nenhuma restrição no uso de aplicativos pela criança, ao contrário da família de camadas médias, cuja mãe destacou na entrevista as restrições e combinações que foram estabelecidas pelos pais em relação ao uso que a filha faz do equipamento, como por exemplo, assistir somente aos vídeos que têm indicação livre. As mediações encontradas nessas duas famílias foram: mediação tecnológica (quando os pais apresentaram os vídeos para as crianças); mediação restritiva (quando os pais definiram os aplicativos que elas podem e não podem usar); e mediação ativa (quando eles ensinam assistem/fazem e fazem juntos).

Livingstone et al (2015) analisaram os dados de sua investigação sobre mediação parental, tendo como referência as características demográficas das famílias entrevistadas. Nessa perspectiva, identificaram, nas famílias de baixa renda, menos escolarizadas: relativamente alta posse de equipamentos eletrônicos em casa; um *gap* geracional na *expertise* digital entre pais e crianças e estratégias de mediações mais restritivas do que ativas. Em famílias de baixa renda, mais escolarizadas, identificaram pais bastante confiantes tanto em suas habilidades digitais quanto na competência para exercer mediação ativa, mais do que restritiva, junto a suas crianças. Além disso, o conhecimento de que dispõem das mídias lhes permite também criar práticas restritivas. Em

famílias de renda alta, mais escolarizadas, as pesquisadoras identificaram uma “ética de empoderamento” dos valores paternos; uma ampla variedade de práticas mediadoras, que incluem diferentes estratégias de conduzir as restrições de uso dos equipamentos digitais; um esforço para promover atividades *off-line* (não digitais) para suas crianças em casa (idem, p. 5, tradução livre).

### **Considerações finais**

Nossos dados não nos permitem fazer inferências quanto a como se dá cotidianamente a mediação familiar, uma vez que foi realizada somente uma observação em cada residência. No entanto, a análise das videograções indica que a mediação existe, pois percebemos que a maioria das crianças recorria aos adultos e/ou irmãos mais velhos diante de dificuldades enfrentadas no uso dos aplicativos, durante a atividade realizada com as pesquisadoras. O apoio recebido indicava que essa era uma prática comum. A ajuda dos familiares vinha, nessas situações, em forma de instruções dadas oralmente, na resolução do problema pelo adulto e também no manuseio do aparelho junto com a criança. Nas conversas informais com duas mães, elas informaram a adoção de estratégias planejadas de mediação, tais como o uso de bloqueadores de conteúdo, o uso conjunto e o ensino da verificação da classificação indicativa dos jogos e vídeos.

Livingstone et al (2015) afirmam que o estudo indicou a necessidade de políticas específicas e de suporte de profissionais especializados para todos os pais, especialmente para os que têm falta de confiança, de experiência e de expertise na relação com mídias digitais. Para as autoras, esse apoio institucional e social deveria ter como foco: a ampliação de conhecimentos sobre os benefícios do uso da internet, incluindo a indicação de sites educacionais, que podem promover imaginação e criatividade e a discussão de critérios de avaliação de ambientes e conteúdos digitais e aprender a utilizar ferramentas tecnológicas para gerenciar e orientar o uso seguro da internet. Muitos pais gostariam de ampliar suas habilidades digitais e conhecimentos sobre o uso de internet e, “uma vez que a competência e confiança digital dos pais resultam em esforços mais capacitados em relação aos seus filhos, o benefício das habilidades parentais pode beneficiar toda a família.” (LIVINGSTONE et al, 2015, p. 6, tradução livre).

Uma pesquisa realizada, em 2016, pela agência Commom Sense<sup>6</sup>, nos Estados Unidos, indicou que os pais dedicam ao uso de dispositivos eletrônicos tempo semelhante ao de seus filhos, com idades entre 8 e 12 anos e adolescentes e que a maioria desses pais sente que são bons modelos de uso mídia, ainda que seu tempo de uso possa chegar a 9 horas diárias. Esses dados e os

---

<sup>6</sup> disponível em <https://www.common-sense-media.org/research/the-common-sense-census-plugged-in-parents-of-tweens-and-teens-2016#>, acessado em 22/07/2017

resultados de um estudo em andamento – “*Preparing for a Digital Future*” (BLUM-ROSS; LIVINGSTONE, 2017) – sugerem que os pais busquem responder, com alguma regularidade, algumas questões que poderiam ajudá-los a avaliar se o tempo dedicado pelas crianças ao uso de mídias pode estar prejudicando, de algum modo, o desenvolvimento saudável delas. Essas perguntas são:

- Meu filho criança está fisicamente saudável e dormindo o suficiente?
- Meu filho está se relacionando socialmente (de alguma forma) com a família e os amigos?
- Meu filho está envolvido com e progredindo na escola?
- Meu filho está buscando, de alguma forma, seus interesses próprios e *hobbies*?
- Meu filho está se divertindo e aprendendo com o uso de mídias digitais? [*Is my child having fun and learning in their use of digital media?*]<sup>7</sup>

Caso as respostas sejam negativas, é hora de tomar medidas reguladoras do uso de mídias em casa. Esse nos parece um modo interessante de as famílias se assegurarem sobre estar efetivamente cumprindo seu papel de mediadoras da relação das crianças com as mídias eletrônicas.

## Referências

BLUM-ROSS, A.; LIVINGSTONE, S. *Families and screen time: current advice and emerging research*. London: The London School of Economics and Political Science /Department of Media and Communications, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. London: Routledge and Kegan Paul, 1984.

FUJIOKA, Y.; AUSTIN, E. W. The relationship of family communication patterns to parental mediation styles. *Communication Research*, v. 29, n. 6, p. 642- 665, 2002.

GALERA, N.; MATSUMOTO, M.; POVEDA, D. The place of digital devices in the home and family routines of young children (3-7) in Madrid. *Media Education: Studi, Ricerche, Buone Pratiche*, Edizioni Centro Studi Erickson S.p.a., v. 7, n. 2, p. 303-319, 2016.

LIVINGSTONE, S. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. *MATRIZES*, n. 2, p. 11-42, jan./jun. 2011.

LIVINGSTONE, S. et al. *How parents of young children manage digital devices at home: the role of income, education and parental style*. London: EU Kids *On-line* Report, LSE, 2015.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2017/06/08/the-trouble-with-screen-time-rules/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

NEVISKI, E.; SIIBAK, A. Mediation practices of parents and older siblings in guiding toddlers' touchscreen technology use: an ethnographic case study. *Media Education: Studi, Ricerche, Buone Pratiche*, Edizioni Centro Studi Erickson S.p.a., v. 7, n. 2, p. 320-340, 2016.